

Malan prevê acordo para julho

Londres — Ao final da rodada de negociações com diversos banqueiros ingleses, realizada ontem no road show promovido pelo Lloyds Bank, segundo maior credor britânico do Brasil, o negociador da dívida externa, Pedro Malan, afirmou sua esperança de que até o dia 15 de março deverão estar chegando ao Banco Central as propostas dos credores com a indicação dos papéis com que deverão aceitar a conversão de sua parte na dívida brasileira.

Após ter feito escalas em Nova Iorque, Tóquio, Frankfurt e Paris onde também manteve encontros com representantes dos credores internacionais com esse mesmo objetivo, o negociador da dívida externa brasileira, Pedro Malan, arriscou um palpite sobre a data final para a assinatura do acordo e acha que até julho o Brasil poderá ter uma definição sobre a assinatura final do documento da negociação. No dia 12 ele estará no Canadá para mais uma rodada de negociações.

Falando depois aos jornalistas numa coletiva na embaixada brasileira, Pedro Malan explicou que embora a data do dia 15 de março possa ser revista, disse que o mais provável é que os banqueiros apressem sua resposta. Lembrou que para isso Brasil aceitou o aumento de 30 para 50 por cento do pagamento devido referente aos juros do primeiro semestre de 1992. Ele explicou, contudo, que caso haja uma concentração excessiva da escolha dos banqueiros sobre o mesmo tipo de papel para a conversão da dívida, as negociações terão que ser prolongadas.

Preocupações — Durante o debate de ontem com os credores britânicos Pedro Malan admitiu, contudo, que uma das principais preocupações demonstrada por eles foi com relação ao pagamen-

to de 3,2 bilhões de dólares que o Brasil se comprometeu a fazer agora em março, juntamente com o lançamento dos bônus de conversão da dívida.

Em resposta, o negociador disse que ainda era muito cedo para o Brasil definir sobre as fontes que deverão fornecer esses recursos. No entanto, ressaltou que o Governo brasileiro continua empenhado na possibilidade de obter uma participação, se possível, de 25 por cento do Fundo Monetário Internacional, além dos recursos do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento que, somados ao dinheiro novo já prometido pelos próprios credores, conseguiria saldar seu compromisso.

Sobre a questão interna brasileira depois da introdução pelo novo Governo de novas políticas econômicas, Pedro Malan revelou que a maioria dos bancos credores entende o que está se passando no momento no País e sabe que o Brasil tem pela frente um problema sério de macroeconomia com prioridades na área de finanças públicas e de ajuste fiscal. Acrescentou, ainda, que os banqueiros confiam no propósito brasileiro de acertar suas contas com a comunidade financeira internacional.

No dia 30 de março, durante a reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento, em Hamburgo, o ministro da Fazenda, Paulo Haddad — segundo Pedro Malan —, vai aproveitar a ocasião para trocar idéias com os credores sobre a etapa de conversão da dívida externa em papéis e discutir a respeito dos novos passos para o acerto final. Mas fez um alerta: assinatura definitiva de um acordo só daqui a vários meses.